

COVID-19 em África: um apelo à governação coordenada, ao reforço das estruturas de saúde e à uma melhor produção de dados



Dados e análises da Fundação Mo Ibrahim

Introdução

A propagação da COVID-19 está a acelerar em todo o mundo. Em África, a maioria dos países já tem casos confirmados e o número de óbitos está a aumentar. Caso não seja contida, a pandemia terá um impacto substancial nas economias e nos cidadãos do continente.

À data da publicação (30 de março de 2020), o número de casos em África continua baixo em comparação com outras regiões. Segundo os dados disponíveis, tal pode dever-se à média etária dos cidadãos africanos, que é a mais baixa do mundo, e a fatores relacionados com o clima do continente, embora essa hipótese já tenha sido questionada por vários especialistas.

Na realidade, África pode vir a ser o continente mais atingido por esta doença invisível. A fragilidade preexistente dos sistemas de saúde, acompanhada por uma alta taxa de prevalência de diabetes e doenças respiratórias, bem como uma alta densidade urbana e muitas vezes mal controlada, são fatores que aumentam a vulnerabilidade do continente ao vírus e a sua letalidade. Segundo o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), África deve "acordar" para a ameaça da COVID-19 e preparar-se para o pior cenário.

A rapidez com que os países conseguem detetar, relatar e responder a surtos reflete a sua capacidade institucional mais geral. Qualquer epidemia põe à prova os sistemas de governação pública e de liderança, tanto a nível nacional, regional e continental, como também em relação à rede multilateral global.

Mais de um bilhão de pessoas vivem no continente africano. Se a pandemia da COVID-19 se estabelecer, os sistemas de saúde ficarão

rapidamente sobrecarregados. É um novo alerta que ressalta a importância vital de fortalecer as estruturas de saúde ainda frágeis do continente, bem como as capacidades institucionais em áreas como educação, infraestrutura e segurança nacional. Além disso, enfatiza a necessidade de intensificar esforços para remediar o mais rápido possível a fragilidade, ou mesmo a deficiência, dos sistemas estatísticos, em particular no que diz respeito à saúde e ao registo civil.

Nesta publicação, a Fundação Mo Ibrahim analisa o nível de preparação e a capacidade de África para enfrentar a pandemia da COVID-19. O documento parte de um grande volume de dados, estatísticas e informações provenientes do Índice Ibrahim de Governação Africana (IIAG) e de outras fontes para analisar o contexto atual no qual a COVID-19 irá se propagar e os desafios imediatos. Através desta análise, a Fundação pretende apresentar uma imagem clara e precisa da situação, destacando as áreas em que podem ser concentrados esforços para gerir e limitar a crise de saúde no continente.

A publicação centra-se no atual cenário da saúde e em seus desafios conexos, sem deixar de tomar em consideração o caminho futuro. A expansão global da pandemia terá um impacto considerável, profundo e duradouro em todo o continente africano. Ao ocorrer mais tarde no continente, isolará África de outras regiões em recuperação. No continente, a pandemia irá aumentar desigualdades internas aos países e entre os mesmos, agravar fragilidades já existentes, limitar perspectivas de emprego e investimento e alimentar potencialmente mais agitação e conflitos internos. Estes riscos cumulativos devem ser considerados agora para garantir uma resposta adequada e coordenada.



Mo Ibrahim
FOUNDATION

Panorâmica da análise

Com base em dados e indicadores provenientes de várias fontes e organizações, incluindo o Índice Ibrahim de Governança Africana (IIAG), esta publicação identificou alguns desafios imediatos que chamam à ação:

- É necessária uma governação robusta e coordenada em todo o continente. Por natureza, qualquer pandemia exige, para além de fronteiras nacionais e regionais, uma coordenação de todos os esforços desenvolvidos pelos diferentes atores e parceiros, especialmente em um mundo globalizado.
 - Há uma necessidade urgente de agir com base nas lições aprendidas durante o surto de ébola de 2015 e abordar as fragilidades específicas das estruturas sanitárias africanas, melhorando os sistemas de saúde e o acesso dos cidadãos aos mesmos e, de um modo mais geral, reforçando a capacidade estatística.
 - Apenas 10 países africanos providenciam cuidados de saúde gratuitos e universais aos seus cidadãos. Os governos africanos devem melhorar rapidamente a gestão e a acessibilidade dos serviços de saúde essenciais.
 - Segundo os Centros de Controlo e Prevenção de Doenças de África (Africa CDC), 43 países africanos conseguem testar a COVID-19. Porém, os países estão em geral pouco preparados para o rastreio e acompanhamento de viajantes nos pontos de entrada e para o tratamento dos casos com eficácia. Reforçar e melhorar estes passos essenciais podem limitar a propagação do vírus e salvar vidas.
 - Os dados relativos às instalações de saúde e aos resultados obtidos continuam a ser fragmentados e frágeis. Apenas oito países africanos possuem sistemas completos de registo de nascimentos, o que afeta a produção oportuna de dados, crucial em situações de emergência sanitária. Estatísticas de qualidade, bem como gabinetes nacionais de estatística autónomos e bem financiados são essenciais para todas as fases da tomada de decisões e da formulação de políticas baseadas em dados concretos, em especial na área da saúde.
- Dada as fragilidades gerais das estruturas de saúde, seja em termos de capacidade humana, equipamentos ou cadeias de abastecimento, a colaboração entre parceiros e países é agora mais vital do que nunca.
 - África tem demonstrado em média uma melhoria crescente no indicador *Campanhas de Saúde Pública* (+0,6 desde 2008, segundo o IIAG). No entanto, enquanto 20 países registaram melhores resultados, 15 países registaram um declínio nesta área. Todas as partes devem contribuir para campanhas nacionais de informação e sensibilização e ajudar a combater a desinformação e as notícias falsas.
 - As fragilidades das infraestruturas de transporte podem impedir que profissionais da saúde cheguem às populações afetadas com a rapidez necessária, enquanto sistemas de comunicação inadequados atrasam a transmissão de relatórios e diagnósticos. Os dados demonstram que qualquer medida destinada a reforçar os serviços nestas áreas seria benéfica.
 - Segundo a Comissão Económica das Nações Unidas para a África (UNECA), em termos do impacto mais geral da COVID-19, a pandemia reduzirá o crescimento económico dos 3,2% previstos para 1,8%. Sem uma abordagem coletiva e organizada da situação, o crescimento económico e os progressos realizados nos últimos anos poderão ser invertidos, com impacto em áreas nas quais África tem progredido de forma regular, seja a luta contra a malária ou contra a pobreza. Além disso, os efeitos podem ir além da economia e pôr à prova a fragilidade institucional de alguns países, alimentando novos conflitos e instabilidade.

Em resposta à crise da COVID-19, a Fundação Mo Ibrahim também está a publicar um resumo diário de notícias e análises conexas, com enfoque no continente africano. Pode encontrá-lo em mif.link/covid19 e nos nossos canais das redes sociais.